

## Imagem e imprensa na América Latina oitocentista: um percurso entre a Argentina e o Brasil

ROSANGELA DE JESUS SILVA\*

No século XIX a imprensa teve um papel relevante no desenvolvimento dos debates políticos, sociais e culturais, mas não apenas no âmbito das letras, as imagens também contribuíram com uma linguagem que embora não fosse nova foi certamente inovadora. Na segunda metade desse século, na América Latina, a imagem ganharia um espaço crescente tanto quantitativamente quanto qualitativamente contribuindo para a construção de uma visualidade, a qual se desenvolveu a partir de um diálogo frutífero com publicações ilustradas europeias.

Nessa inovação que aporta a imagem é possível apontar não apenas marcos formais de composição e diagramação dos periódicos, mas uma ampliação das possibilidades de comunicar ideias, além do alcance de público. Muitas dessas publicações ganhavam destaque em vitrines de movimentadas ruas de cidades como Buenos Aires e Rio de Janeiro, possibilitando ao transeunte desfrutar de saborosas cenas que ofereciam rostos e gestos ao que antes eram apenas distantes nomes.

No universo que compõe essas publicações as possibilidades de análises são inúmeras. É preciso considerar seus contextos específicos, suas filiações ideológicas, os debates e temas latentes no período de publicação, seus autores, etc. O que se pretende desenvolver nesse texto são algumas reflexões iniciais acerca da imagem da igreja e seus representantes presentes em alguns periódicos publicados no Brasil e na Argentina. Esse trabalho é parte de uma pesquisa iniciada em 2012, com apoio da FAPESP, que tem por objetivo analisar comparativamente três publicações ilustradas brasileiras: *Revista Illustrada* (1876-1898); *Dom Quixote* (1893-1903); *O Besouro* (1878-1879) e três publicações argentinas: *El Mosquito* (1863-1893); *Don Quijote* (1884-1905); *Ilustración Argentina* (1881-1885). São publicações que, além de terem iniciado sua publicação no século XIX, apresentam alguns pontos importantes em comum, entre os quais é possível destacar: o desenho ou ilustração como principal suporte pelo qual se destacaram, posições políticas relativamente acentuadas, nos quais seus proprietários são peças fundamentais da publicação. Talvez a exceção seria a

---

\* Pós-doutoranda no Instituto de Artes da UNICAMP com bolsa FAPESP

*Ilustración Argentina*, cujo papel cultural se sobrepôs aos demais e que não será enfocada nesse artigo. Como essa pesquisa ainda está em um momento de exploração do material e o espaço de desenvolvimento aqui está limitado pelo caráter dessa apresentação, optou-se por selecionar algumas imagens que possam ajudar a pensar como a *Revista Ilustrada* no Brasil e *El Mosquito* e *Don Quijote* na Argentina, através de seus desenhistas construíram discursos visuais acerca da igreja, ou ainda, como utilizaram a penetração importante que a igreja católica possuía naquele período para questionar e discutir temas políticos ou sociais.

A fim de situar o leitor propõe-se uma pequena introdução e contextualização dos periódicos, que segundo uma análise preliminar, desenvolveram o tema proposto de maneira relevante.

### ***El Mosquito e Don Quijote na Argentina***

Essas revistas atravessaram um período político, social e cultural bastante complexo e agitado da história argentina. Foram testemunhas da expansão do território do país com as chamadas “*Campañas del desierto*” iniciadas pelo Ministro de Guerra Adolfo Alsina (1829-1877) em 1876 e concluídas pelo presidente Julio Argentino Roca (1843-1914) em 1879 e que custaram a vida e perda do território originário de inúmeros povos indígenas. Também acompanharam o fluxo crescente de imigração, da qual essas revistas são frutos diretos, já que foram fundadas por imigrantes europeus, assim como a expansão das ferrovias, a lei do casamento civil, a criação de partidos como a UCR (União Cívica Radical), além das fortes crises econômicas. Tiveram ainda um papel importante nos debates políticos como durante a “Revolução de 1890” ou *Revolución del Parque* a qual levou à queda do então presidente Miguel Ángel Juárez Celman (1844-1909), entre outros importantes eventos. Nesse pequeno texto seria impossível dar conta minimamente da complexidade do período, portanto os dados acima são apenas para ilustrar alguns eventos.

O primeiro número de *El Mosquito* surgiu em 25 de maio de 1863, um domingo, como uma publicação semanal. Foi fundado pelo litógrafo e desenhista francês Henri Meyer (1844-1899), o qual, junto com Julio Monniot foram responsáveis pelos primeiros anos de ilustração do periódico. Em 1868, a revista ganharia a colaboração de outro francês, Henri Stein (1843 – 1919) que traduziria seu nome para Enrique, o qual se tornaria diretor e depois proprietário da

revista e que daria vida a um importante grupo de imagens, além de aumentar o espaço destinado aos desenhos. Nos primeiros anos da publicação apenas uma página, das quatro que possuía, era dedicada à ilustração (geralmente a página 3), depois passaram para as duas centrais e logo a três páginas, sendo que a capa foi em muitas ocasiões dedicada a construir uma galeria de personagens importantes na Argentina. A publicação que durou 30 anos, é um marco importante na história das revistas ilustradas na Argentina, tanto por sua duração no tempo, pela qualidade dos desenhos, quanto pelos registros e interpretações de importantes fatos ocorridos no país. Aliás, em muitos estudos sobre o periódico é ressaltado sua função documental, a qual teria se sobreposto a militância, característica marcante do seu contemporâneo *Don Quijote* que será comentado adiante. Essa percepção talvez se deva ao fato de que *El Mosquito* esteve muito próximo de figuras do poder governamental argentino como Julio Argentino Roca, por exemplo. Mas isso não significa que não tenha sido uma publicação com posições críticas. Segundo a pesquisadora Sandra Szir:

*“(...) El mosquito era a menudo oficialista – las satirizaciones hacia las figuras de Sarmiento y Roca fueron templadas – y su discurso crítico estuvo dirigido muchas veces hacia la oposición más que hacia el poder y las autoridades. (...) La hija de Stein afirma que “su manera satírica y alegre y el arte de presentar la política, hacía reír al público y sonreír a los propios caricaturizados” y que sus comentarios se desarrollaban “siempre dentro de los límites de la cabellerosidad y respecto a los gobernantes del país.” (SZIR, 2009:69)*

Da mesma maneira que os estudiosos apontam o caráter comedido do *El Mosquito* não deixam de enfatizar o seu contemporâneo *Don Quijote* como um periódico crítico, afiado e militante. *Don Quijote* surgiu em Buenos Aires em outubro de 1884, também como uma publicação semanal, de quatro páginas tendo sido publicado até 1905<sup>1</sup>. Desde o primeiro número as páginas centrais eram dedicadas à ilustração. Seu fundador, proprietário e principal desenhista foi o espanhol Eduardo Sojo (1849-1908) que assinava os desenhos sob o pseudônimo Demócrito. Sojo migrou para a Argentina em 1883 por estar sendo perseguido na Espanha, devido a sua militância política de ideais republicanos. O caráter militante de

---

<sup>1</sup> A partir de 1903 o periódico acrescentaria ao nome a palavra moderno, se tornando assim: *Don Quijote Moderno*

Sojo figuraria na sua publicação, a qual apresentava em seu cabeçalho o seguinte lema: “Este periódico se compra pero no se vende”. Citação direta a sua posição política considerada independente, pela qual foi diversas vezes preso, além de ter tido uma pedra litográfica da revista confiscada pelas autoridades policiais. Foi um grande crítico do *El Mosquito* por sua proximidade com o governo. O periódico contou também com a colaboração de outros importantes caricaturistas como o pintor espanhol Manuel Mayol (1865-1929) que assinava seus desenhos com o pseudônimo Heráclito. No entanto, depois de Sojo, o segundo nome mais importante da publicação foi certamente o de José Maria Cao (1862-1918), também um imigrante espanhol e que seria considerado o pai da caricatura argentina, sobretudo, por sua atuação na revista *Caras y Caretas* a qual marcaria a renovação do periodismo ilustrado na Argentina do século XX. A proximidade de Cao com Sojo foi tão grande que este assinava seus desenhos com o pseudônimo Demócrito II em homenagem e respeito a esse. Para Carlos Oscar Boyadjian:

*“Don Quijote supo reflejar la otra cara de ese proceso político, no siempre explícita, y mostrar las miserias y el accionar controvertido de algunos políticos, miembros de sucesivos gobiernos nacionales. La incesante prédica de esta revista en defensa de los derechos del Pueblo, marcó a fuego a una sociedad que estaba siendo sometida a cambios vertiginosos, no siempre acompañados por la transparencia deseable en el manejo de la cosa pública.”*(BOYADJIAN, 1999:92)

### **Revista *Illustrada* no Brasil**

O Brasil oitocentista como outros países latino-americanos buscava se afirmar enquanto nação, porém diferente das Repúblicas vizinhas apresentava algumas particularidades relevantes: uma monarquia cuja economia era sustentada por trabalho escravo. A escravidão, o regime monárquico e suas implicações políticas, sociais e econômicas foram talvez os temas mais privilegiados pela imprensa da época e especialmente pelas revistas ilustradas aqui citadas.

A *Revista Illustrada* (1876-1898) foi uma publicação que durou mais de 30 anos. Em suas oito páginas, das quais quatro eram preenchidas com ilustrações, debateu e discutiu os mais variados temas e polêmicas que permearam as três últimas e conturbadas décadas do século em questão. Seu proprietário e principal ilustrador, o imigrante italiano Angelo

Agostini (1842/3-1910), foi uma figura chave na publicação até início dos anos 1890 quando vendeu a revista. O periódico divulgou imagens impactantes acerca da escravidão no Brasil e suas consequências, fustigou políticos e gabinetes com caricaturas, noticiou epidemias, fez considerações sobre as relações do Estado com a Igreja, sobre as condições de infraestrutura da cidade do Rio de Janeiro, assim como também homenageou artistas e personagens ilustres com cuidadosos retratos. Agostini, através de sua publicação também sustentou debates e polêmicas com vários de seus colegas de imprensa, entre elas está aquela com o caricaturista português Rafael Bordado Pinheiro (1846-1905), proprietário e principal ilustrador da revista *O Besouro*.

As revistas ilustradas aumentaram consideravelmente o alcance visual de seus leitores, colocando-os em contato com representações diversas, inclusive com novas paisagens. É possível reconstruir alguns dos debates, bem como recuperar um repertório visual em termos locais, nacionais, observar as referências comuns, a circulação das ideias, a construção e recorrência de símbolos.

#### **Algumas representações da igreja:**

A história da América desde o início do período colonial foi fortemente marcada pela atuação da igreja católica. Na segunda metade do século XIX os embates entre o poder temporal e o poder espiritual começaram a se fazer cada vez mais presentes na América Latina. As discussões acerca do casamento e registro civil, da secularização dos cemitérios, da romanização da igreja, da laicização, entre outras, foram temas que estiveram em evidência. A presença da Igreja nas decisões do Estado, os temores da Igreja de ser afastada deste e, ao mesmo tempo a definição e construção do espaço de cada uma dessas instituições na sociedade da época permearam os debates na imprensa do período. O tema é bastante complexo e apresenta distintas nuances nos países aqui elencados, assim como envolve a efetiva participação dos defensores de um ideário liberal.

Durante os processos de independências a posição do Vaticano com os nascentes Estados Latino Americanos não foi positiva, tendo este se posicionado a favor das monarquias absolutistas europeias. O reconhecimento desses países como nações só ocorreria na década de 1830. Por outro lado esses países também definirão posições com relação à Igreja. A

Argentina imprimiria algumas reformas nos anos 1820<sup>2</sup> subordinando a Igreja ao poder civil e o Brasil definiria na sua primeira constituição independente o Padroado<sup>3</sup>. Há diversos estudos sobre o tema, de maneira que esse pequeno artigo não aprofundará essa discussão. O objetivo aqui é apenas compartilhar algumas representações dessa instituição em três periódicos ilustrados tanto no Brasil como na Argentina e ao mesmo tempo analisar como elementos pertencentes ou não à fé cristã foram incorporados e reconstruídos por esses mesmos órgãos de imprensa.

Permeadas pela ideologia de seus proprietários e colaboradores as revistas também respondiam aos assuntos colocados em evidência na época, assim, em momentos nos quais os debates acerca da relação da igreja e do Estado afluíam, esse tema aparecia com mais frequência. Por outro lado a utilização de uma iconografia religiosa foi amplamente utilizada tanto no Brasil quanto na Argentina para comentar momentos políticos delicados.

Em 1864, sob o papado de Pio IX, a Santa Sé publicaria a encíclica *Quanta cura* e o *Syllabus Errorum*, um documento no qual apontava os erros dos tempos modernos, entre esses havia reprovações com relação à liberdade de pensamento, de culto, à separação entre Estado e Igreja, ao liberalismo, à maçonaria, entre outros pontos. Colocar-se-ia também nesse momento a infalibilidade papal, sustentada pelos chamados ultramontanos que defendiam que os cristãos deveriam ser liderados por Roma através da figura do Papa. Essas ações da Igreja geraram bastante polêmica e seus desdobramentos se fariam sentir na América Latina.

Na primeira metade da década de 1870, desencadeou-se no Brasil a polêmica entre membros da Igreja e o Estado dando origem à chamada “Questão Religiosa”, a qual tomaria grande espaço nos periódicos da época. A Questão Religiosa no Brasil foi um episódio de enfrentamento entre representantes da igreja chamados ultramontanos e a maçonaria. O ponto culminante de um histórico conflitivo entre católicos ultramontanos, liberais e o padroado. O episódio envolveu os bispos de Olinda e do Pará: Dom Vital (1844-1878) e Dom Macedo

---

<sup>2</sup> Em 1822 o então ministro Bernardino Rivadavia (1780-1845) realizou uma reforma que subordinaria a Igreja ao poder civil. Entre as ações do governo estão: a apropriação de bens da instituição e a eliminação de alguns privilégios concedidos pela Coroa Espanhola. A igreja não mais seria financiada pelo dízimo pago pelos fiéis, o qual foi suprimido, mas pelo próprio Estado.

<sup>3</sup> A constituição de 1824 definia a união entre Estado e Igreja, sendo esta regulamentada pelo Estado. Também definia que qualquer ordem eclesiástica do Vaticano só poderia entrar em vigor no Brasil após o beneplácito do Imperador.

Costa(1830-1891), respectivamente, os quais atenderam ordens do Vaticano de não reconhecer irmandades compostas por maçons e, se recusaram a voltar atrás em sua decisão conforme exigência do Império. Como, pelo padroado, o imperador tinha a última palavra, o que estava garantido pela constituição, foram condenados por desobediência civil e presos. Algum tempo depois foram anistiados, no entanto o episódio expôs tensões já existentes e que só iriam se intensificar até o final do Império.

Entre 1871 e 1875 também foi o período no qual Agostini esteve no semanário *O Mosquito*, no qual dedicou uma especial atenção ao evento reafirmando sua posição de separação do Estado e da Igreja. Em sua tese de doutoramento Marcelo Balaban fez uma análise dos desenhos de Agostini sobre o tema da questão religiosa nesse periódico e faz uma relação dessas com o contexto de implantação da Lei do Ventre Livre. O historiador chama a atenção para a coincidência cronológica assim como para a imbricação dos temas na análise de Agostini: “Na realidade a impressão que tais imagens passam é de ser, para nosso desenhista, mais um episódio que revelava os desmandos de uma instituição que para ele representava, como a escravidão e a política imperial, atraso para o país.” (BALABAN, 2009:179)

Agostini seguiu na *Revista Illustrada* com suas críticas à instituição religiosa no Brasil e sua orientação do Vaticano. Utilizou-se dos mais variados símbolos para se referir à Igreja, desde aqueles próprios aos seus ritos como batinas, o cajado, a tiara papal - *Triregnum*, uma espécie de coroa com três bases, entre outros paramentos religiosos. Fez referências ao que seriam, na visão da revista, formas de atuação da igreja para alcançar seus objetivos: utilização de imagens de santos na falsificação de milagres e aparições para enganar as pessoas, aplicação de torturas como queimar os pés do indivíduo em um braseiro, insinuações de abusos sexuais por parte de padres. Também fez alusões ao pecado da gula desenhando com formas protuberantes aqueles que deveriam ser os guardiões das leis da igreja e que refastelavam-se com comida abundante. Aliás, padres obesos foram desenhados com alguma frequência, inclusive para referir-se a publicação católica brasileira mais importante na corte chamada *O Apóstolo*. Alguns animais também foram utilizados para caracterizar o clero, sempre com conotação negativa, como o burro, o porco, o morcego relacionado às trevas ou,

ainda uma cobra que se enrola no corpo da sua presa para asfixiá-la. Além disso, fez inúmeras menções a riqueza acumulada pela igreja, a qual seria obtida à custa da exploração impiedosa dos fiéis. As vítimas da igreja tanto podiam ser o próprio Brasil representado alegoricamente como um índio, que ora era chutado, ora torturado, ora asfixiado ou os próprios fiéis, representados como inocentes carneirinhos enganados e mal conduzidos.

Em seu discurso Agostini afirmava que não podia admitir que nada impedisse o progresso do Brasil, portanto utilizaria sua arma mais poderosa, a imprensa, para alertar sobre os perigos que atrapalhavam o país, para isso utilizou muitas alegorias ou metáforas na construção de suas imagens. A figura do índio (O Brasil) com seu corpo envolvido por uma serpente que tenta sufocá-lo é bastante explícito da posição do caricaturista que publica essa imagem em 1876 na capa do semanário. No corpo da serpente, para que o leitor não tivesse qualquer dúvida, aparece escrito “O poder do Vaticano”.



Revista Illustrada, N.39, 1876. Rio de Janeiro

Evoca-se aqui diretamente a questão da sobreposição do poder da igreja sobre o Estado. O índio está deitado no chão e não parece esboçar uma luta contra o animal, embora ainda não tenha sido totalmente vencido por ele. Mas será que conseguirá se livrar da serpente? Na legenda a dúvida aparece: “O Gigante continua a dormir, quando despertar será tarde. Não podendo mais defender-se, a política do Vaticano terá consumado sua obra”.



Apesar da previsão pessimista da legenda o caricaturista parece deixar a resposta com o público, talvez esse ainda despertasse o gigante que, enquanto tal, guardava condições para vencer.

Em junho de 1877 Agostini atacou frontalmente o Vaticano e seu poder, trazendo agora a figura do próprio Papa em situação comprometedora. Pio IX, vestido com paramentos papais e com um crucifixo no pescoço, está bastante gordinho e apresenta uma barriga saliente, parece bastante feliz esboçando um leve sorriso. Está confortavelmente sentado em uma espécie de trono papal, o qual possui no centro superior do espaldar o *Triregnum* coroando-o, sobreposto a duas chaves cruzadas. Sua cabeça está apoiada sobre alguns papéis que lembram títulos financeiros. A poltrona ou trono está apoiado sobre vários sacos de dinheiro. Nos sacos, assinalados com cifras bem altas, há também referências a diversas moedas como o dólar, o franco e a libra esterlina. Com a mão direita o Papa parece brincar com várias moedas de um dos sacos, o único que está aberto. Na legenda a mais completa ironia: “Pio IX, ou o pobrezinho do Vaticano, depois da grande romaria.” As constantes referências ao máximo representante da Santa Sé ou a atuação dessa, parecem indicar uma preocupação com o poder que a Igreja teria sobre o Estado brasileiro, mais além de seus representantes locais. É claro que as figuras brasileiras diretamente relacionadas com a atuação da Igreja no Brasil foram também caricaturadas, mas o país é constantemente representado como vítima e, seus algozes, quer seja o papa ou a serpente representada na imagem anterior, demonstram certo destaque.



*Revista Illustrada*, N.69, 1877, p.8. Rio de Janeiro

Nas publicações argentinas o olhar e as críticas à Igreja parecem ser construídas de maneira mais endógena, onde a opção pelos personagens locais assumiria certo protagonismo. A referência aos paramentos como batinas, ao *Triregnum*, a utilização de antropomorfia, como a presença de porcos e, sobretudo, a associação do morcego ao obscurantismo também estarão presentes, mas são os políticos engajados na luta contra ou a favor da Igreja que mais ocuparam os espaços ilustrados nos semanários.

As ações do Vaticano acima citadas também repercutiram na Argentina, onde a partir dos anos 1870 é possível acompanhar algumas discussões entre católicos e liberais, as quais seriam intensificadas na década de 1880, sobretudo, na imprensa. É preciso também lembrar que o intenso processo de imigração ocorrido naquele país, com pessoas que professavam outros credos ou eram ateus seria também um ponto de conflito entre o Estado que incentivava essa imigração e a Igreja que queria impor condições a esta.

Em *Historia do periodismo argentino* De Marco afirma que alguns periódicos católicos acusavam jornais como *El Nacional*, *La Nación* e *La Tribuna Nacional* de incitarem um espírito antirreligioso por estarem inspirados pela maçonaria. Católicos acusavam liberais de serem maçons e os liberais acusavam os católicos de sacristãos.

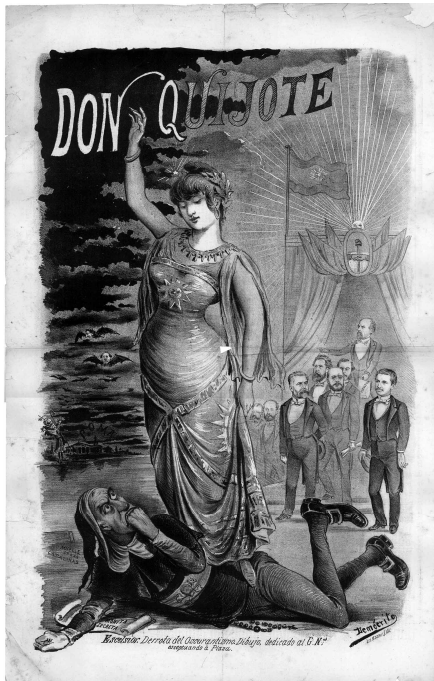
As discussões acerca da educação no país que levariam à aprovação da lei 1420 em 1884 incendiariam o debate. A lei acabou por instituir o ensino religioso como matéria

optativa, seu oferecimento se daria em horário extra-escolar e se os pais assim desejassem. Segundo Gregorio Weinberg “La promulgación de la ley 1420 constituyó la culminación de un complejo proceso histórico, como resultado del cual van triunfando y abriéndose paso, las ideas democráticas, liberales y modernas.”(WEINBERG, 1984:VII) Weinberg reproduz em seu livro os calorosos debates parlamentares permitindo identificar vários dos nomes que discursariam a favor da obrigatoriedade do ensino religioso nas escolas como Pedro Goyena (1843-1892) e Achával Rodrigues (1843-1887). Assim como aqueles que se opuseram veementemente como Onésino Leguizamón (1839-1886) e Eduardo Wilde (1844-1913). Esses personagens, entre outros diretamente envolvidos no debate, ocuparam muitas páginas ilustradas do *El Mosquito* e *Don Quijote* como se verá a seguir.

O governo argentino também incentivou a vinda de professoras norte americanas, de origem protestante, para dirigir escolas de formação de professores no país, fato totalmente questionado pela Igreja. Na província de Córdoba o responsável pela diocese, vigário Gerônimo Clara, nesse mesmo ano de 1884, pediu que os pais católicos não enviassem seus filhos a escolas dirigidas por professoras protestantes, condenou periódicos que criticavam a igreja e incentivou os professores universitários a atuarem de acordo com sua condição de católicos. A resposta do governo seria bastante dura de maneira que o representante do Vaticano no país, o núncio apóstolico Luigi Mattera tentou interferir e depois de vários episódios conflituos com o governo, acabou sendo expulso do país pelo então presidente Julio Argentino Roca. Esse fato levaria o Vaticano a cortar relações com o país em 1885, as quais só foram retomadas em 1899.

Em seu décimo número *Don Quijote* publicou a imagem de uma jovem e bela República argentina, delicada em seus gestos, mas altiva e soberana. A alegoria realiza um gesto que lembra bastante um episódio conhecido dos cristãos no qual Nossa Senhora pisa sobre a serpente que representa o demônio. Aqui, no entanto, a bela jovem não pisa sobre uma serpente, mas sobre um homem caído no chão que a olha assustado. Este por sua vez utiliza diversos símbolos religiosos como um terço e uma faixa com emblemas do Vaticano os quais permitem identificá-lo como um padre. Essas duas figuras funcionam como uma espécie de cruz invertida no primeiro plano da composição, a qual aparece claramente dividida pela

figura feminina entre um lado luminoso, onde um sol espalha seus raios e, o outro escuro, permeado de nuvens sombrias.



*Don Quijote*, N.10, 19/10/1884. Buenos Aires

No lado escuro as nuvens negras, à medida que vão baixando, parecem transformar-se em morcegos, muitos morcegos, os quais saem do fundo da composição em direção ao primeiro plano. Todos eles parecem originar-se de um ponto específico onde se observa uma construção identificada como Roma e ao seu lado uma figurinha que parece flutuar, está com os braços abertos, usando uma batina, o *triregnum* e o cajado papal. No lado luminoso tremula a bandeira argentina fincada em uma edificação que ostenta o escudo da República daquele país, de onde se abre uma cortina e aparece um grupo de homens dignamente representados, sem qualquer traço caricatural. Um deles está no centro, em posição mais elevada e tem um gesto que parece indicar para algo.

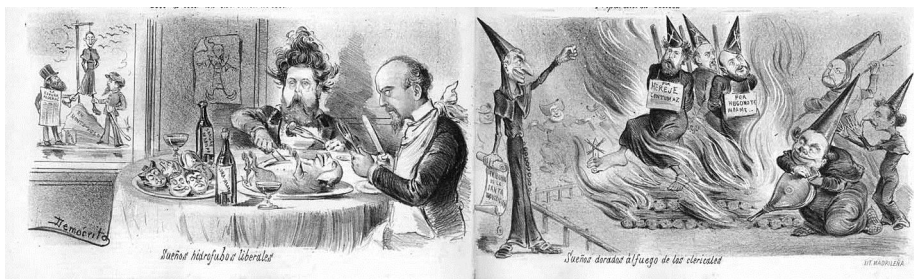
Esse número do *Don Quijote* foi publicado em 19 de outubro de 1884, exatamente 5 dias depois da decisão do governo argentino de expulsar do seu território o representante do Vaticano Luigi Mattera. Diante dessa informação e com o dado de que após calorosos debates a Lei 1420 sobre a educação foi sancionada em 8 de julho de 1884, é possível identificar pelo menos alguns dos personagens aí representados. O padre em primeiro plano é o próprio

Mattera, representado como uma figura patética, cujo rosto apresenta vários traços exagerados como os olhos saltados, o nariz protuberante e uma boca capaz de engolir a própria mão. Dentre os dois morcegos com rosto, é possível que façam menção ao vigário de Córdoba Gerônimo Clara e ao arcebispo de Buenos Aires na época León Federico Aneiros (1826-1894).

No grupo de políticos a figura do presidente Julio A. Roca é a que está em destaque. A revista que seria uma crítica ferrenha do político, nesse momento, por sua postura anticlerical, reconhece e elogia a atitude do presidente. Ainda é possível identificar na imagem alguns políticos que ostentavam posturas anticlericais e tiveram uma participação efetiva nas discussões. O primeiro à direita é provavelmente o deputado Emílio Cívít (1858-1921), que nesse momento era deputado nacional por sua província natal: Mendoza e, teve destacada atuação pela aprovação da lei 1420. Imediatamente ao lado deste, a figura que segura um papel enrolado na mão direita deve ser o então Ministro das Relações Exteriores Francisco J. Ortiz (1840-1932), figura chave na expulsão do representante do Vaticano. O papel que segura deve tratar-se do documento onde se decide pela expulsão de Mattera. Há ainda a figura de Eduardo Wilde (1844-1913), o então Ministro da Justiça, Culto e Instrução, defensor da lei da educação e que é a figura imediatamente abaixo da mão estendida de Roca.

Não podendo ser mais explícita em sua postura a revista traz ainda, abaixo da imagem, uma legenda na qual menciona a derrota do obscurantismo. Demócrito, pseudônimo de Eduardo Sojo, desenhista e proprietário da revista, realizou uma composição que ao mesmo tempo em que caricaturou e ridicularizou a igreja e seus representantes na Argentina, homenageou e divulgou a imagem daqueles que considerou terem atuado pela pátria, colocando a alegoria da mesma em posição de destaque e soberania.

No número seguinte da revista, Eduardo Sojo voltou a destacar as figuras envolvidas nos embates entre igreja e Estado. No entanto, agora mostra também parlamentares católicos. Organiza a imagem em dois quadros, apresentando a polaridade que o debate alcançou naqueles anos e, brinca com o desfecho que cada grupo desejaria que seu oponente tivesse tido.



Don Quijote, N.11, 1884.

Buenos Aires.

Em um lado da composição aparece o presidente Roca e Eduardo Wilde sentados ao redor de uma mesa, prontos para um banquete, no qual o prato principal é um leitãozinho com traços do arcebispo de Buenos Aires Aneiros. Ao lado há outra bandeja com várias pequenas cabeças, duas delas com chapéus que fazem referência a membros da igreja. Tanto Roca como Wilde estão representados em estados alterados: Roca demonstra estar faminto ostentando com veemência seus talheres, ao mesmo tempo que parece estar hipnotizado. Wilde aparece com os cabelos em vórtice para cima, o que se repetiria várias vezes em sua representação na revista, parece estar em êxtase ao enfiar a faca no porquinho. Ao lado da mesa há um quadro bastante curioso no qual aparece Mattera enforcado e sendo puxado pelas pernas, para lados opostos, por duas figuras que parecem disputar o defunto. Uma provável referência aos debates e à postura de políticos católicos que continuavam a defender suas posições.

Para falar dos “sonhos clericais” o caricaturista usa a metáfora cristã do temido fogo do inferno. Ali são facilmente identificados, ardendo na fogueira e com roupas e chapéus de bruxos, as três principais figuras que bateram de frente com posições da igreja naquele momento: O presidente Roca aparece no centro, o chanceler Ortiz está com uma placa pendurada ao pescoço que o acusa de ser um huguenote infame e, o Ministro da educação Wilde com outra placa que o acusa de ser herege. Entre as figuras vestidas com batinas e que alimentam a fogueira está provavelmente, o bispo de Buenos Aires Aneiros, a figura mais gordinha e que segura um fole. Logo atrás do bispo, a diminuta figura que parece aplaudir o que vê deve ser a do político José Manuel Estrada (1842-1894), que foi um árduo defensor das escolas católicas e lutou contra a lei 1420 e o matrimônio civil aprovado em 1888. O outro personagem também deve ser um dos vários políticos de filiação católica que atuaram

naquele momento, mas que não pode ser identificado. A figura esguia, de sorriso largo e que estende o braço em direção à fogueira em um gesto que tanto pode ser de bênção quanto de apontar o que ocorre com aqueles que se colocam contra a igreja, seguramente é a do núncio apostólico Luigi Mattera.

*El Mosquito* também apresentava uma postura crítica com relação à igreja e, nos anos 1880 usaria de suas páginas para construir um discurso de aprovação dos atos do governo. A revista opta por, em vários momentos, mostrar como atuavam os deputados católicos contra as ideias liberais identificando-os como antipatriotas. Associou o clero ao fanatismo e ao obscurantismo, representou-o como burros e morcegos e também utilizou do recurso da alegoria para discutir o tema.



Sobre a legenda “*Programa de los clericales*”, no número 1135 de 5 de outubro de 1884, a revista publicou em suas duas páginas centrais a imagem de uma mulher com fartos seios a mostra e apenas coberta por um tecido colocado sobre parte do seu corpo entre a cintura e as pernas. O barrete frígido em sua cabeça oferece a identificação do personagem, trata-se da República. A alegoria esta deitada e amarrada pelas mãos e pelos pés em uma cama. A fim de garantir que a mulher não possa reagir dois grupos de três homens posicionados na cabeceira e pés da cama respectivamente, seguram firmemente, através de cordas, assegurando assim a imobilidade da figura. A ação desses homens visa garantir que um grupo de morcegos que se aproxima não seja impedido de atacá-la. No centro da

composição um enorme morcego se destaca. Ele possui um rosto sem muita expressão, mas com olhos arregalados e certamente lidera o grupo. Trata-se de Mattera. Ao seu lado, um morcego um pouco menor tem no rosto traços do arcebispo de Buenos Aires Aneiros e, um terceiro, sem rosto identificável, usa o chapéu papal o que certamente indica o representante máximo do Vaticano. No horizonte é possível observar muitos morcegos voando em direção ao primeiro plano da composição.

A maneira como a cena está organizada pode indicar o prelúdio de uma violação sexual. Há uma violência latente na imagem, onde o leitor que observa o desenrolar de uma cena covarde, nada pode fazer. Mas algo muito interessante é que embora a mulher não tenha como se defender, não se coloca nem está representada como uma vítima passiva. Seu rosto expressa indignação, mas não medo, se mantém ativa.

Os personagens que a seguram são apresentados com um chapéu estranho, um deles tem uma bota na cabeça, observam subservientemente a cena sem esboçar expressões ou reações evidentes. Seus traços fisionômicos são cuidadosamente tratados pelo caricaturista para que sejam identificados. Tratavam-se de representantes do grupo de políticos católicos que atuavam firmemente segundo seus preceitos religiosos. Na cabeceira da cama estão: Manuel Estrada, caracterizado pelo grande nariz e bigodes; ao seu lado é possível que seja Tristán Achával Rodríguez (1843/5?-1887) descendente de uma família tradicional de Córdoba e que politicamente se colocaria contra o grupo de anticlericais. A terceira figura que aparece menos e tem uma marca no rosto, é provável que seja Emilio Lamarca (1844-1922). Seu nome aparece várias vezes associado à figura dos outros dois citados acima por sua militância católica. Lamarca seria destituído de seu posto de professor da UBA em 1884 justamente por suas ações contra a postura anticlerical do governo de Roca.

Aos pés da cama a única figura que pode ser identificada foi a de Pedro Goyena com uma bota na cabeça, o qual ao lado de Estrada e Achával teve grande protagonismo na defesa do ensino da fé católica nas escolas. Sua figura apareceu várias vezes nesses periódicos, em algumas ocasiões foi inclusive representado de batina, tamanha era sua associação com a defesa dos católicos.



Com essa imagem *El Mosquito* opta por construir um discurso no qual aponta aqueles a quem considerava os algozes da República argentina naquele momento. Critica a igreja e seus defensores usando contra esses as bases do seu próprio discurso que era a questão da defesa da moral. María Pía Martín em um artigo sobre os intelectuais católicos argentinos no século XIX analisa os escritos e pensamentos de vários deles, entre os quais está o de Pedro Goyena que teria afirmado que: “la existencia del Estado se legitimaba se era capaz de formar un Pueblo de seres inteligentes, libres, responsables y Morales, garantizando el orden y el desarrollo armonioso del conjunto social.” (MARTÍN, 2011: 56) Como defensores da moral e da liberdade poderiam ser capazes de cometer tal ato contra sua própria pátria? O caricaturista descontrói através da imagem a legitimidade do discurso do grupo católico.

Embora na imagem de *El Mosquito* a alegoria da República passe por uma situação difícil, o caricaturista não a mostra submetida conforme fez Agostini com o índio imobilizado por uma víbora. Mesmo amarrada reage na sua expressão. Nas representações argentinas parece haver confiança na figura da República, seja quando esta aparece soberana em primeiro plano ou amarrada, esta estaria acima dos políticos que a sustentavam ou a degradavam. O que se observa na *Revista Ilustrada* é certa desconfiança com relação às possibilidades de reação do Brasil, talvez porque o caricaturista, influenciado pelo ideário liberal e crítico da escravidão, não confiava na forma de governo adotada no país. Sem acreditar no Estado nem em suas bases de sustentação a opção pela imagem de um índio vitimizado poderia responder a uma crítica que iria além da influência da igreja católica.

A quantidade de imagens publicadas nessas revistas sobre essa questão é relativamente abundante, de maneira que a pequena seleção aqui realizada é apenas um fragmento. No entanto, a nosso ver, representativo da elaboração dos respectivos discursos. Utilizando recursos mais ou menos próximos, desenvolvidos a partir da criatividade e habilidade dos desenhistas, essas imagens respondem a realidades locais, mas que não deixam de dialogar com um momento de questionamentos comuns na América Latina. Um momento de construção e reestruturação de espaços políticos, sociais e culturais nos quais essas imagens, permeadas de sátira, humor, crítica e reconhecimentos elaboram proposições citando e construindo discursos visuais.

## **Bibliografia**

- AZZI, Riolando. *O Altar unido ao trono: Um projeto conservador*. São Paulo: Paulinas, 1992.
- BALABAN, Marcelo. *O Poeta do Lápis: sátira e política na trajetória de Angelo Agostini no Brasil Imperial (1864 –1888)*. Campinas-SP: Editora da Unicamp, 2009.
- BOYADJAN, Carlos Oscar. Don Quijote. La sátira política como ejercicio del periodismo de opinión. In: *Historia de Revistas Argentinas*. Tomo III. Buenos Aires: AAER, 1999.
- GARABEDIAN, M.H.; MIRANDA L.; SZIR, S. M. *Prensa Argentina siglo XIX. Imágenes, textos y contextos*. Colección Investigaciones de la Biblioteca Nacional. Buenos Aires: Teseo, 2009.
- MARTÍN, María Pía. Intelectuales católicos a fines del siglo XIX: El problema de la ciudadanía y la temprana emergencia de la cuestión social. In: *Cuadernos del Ciesal*, ano 8, N.10, julho a dezembro de 2011, pp.47-68.
- WEINBERG, Gregorio. *Debate Parlamentario sobre la ley 1420 (1883-1884)*. Buenos Aires: Raigal, 1984.
- ZANATTA, Loris; DI STEFANO, Roberto. *Historia de la Iglesia argentina. Desde la conquista hasta fines del XX*. Buenos Aires: Grijalbo- Mondadori, 2000.